



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

"UMA PRESENÇA EM SI POLÍTICA": NARRATIVAS DE PROFESSORES NEGROS SOBRE EXPERIÊNCIAS BIFURCADAS DE ACESSO A UNIVERSIDADE

MARIA RITA SANTOS

MICHAEL DAIAN PACHECO RAMOS

RITA DE CÁSSIA MAGALHÃES DE OLIVEIRA

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Resumo Este texto apresenta narrativas de quatro professores negros do Pré-universitário para afrodescendentes (PREAFRO) em Itabuna-Bahia, entre 2005 a 2011, com o objetivo de buscar compreender as experiências de retorno desses protagonistas ao cursinho onde estudaram para acessarem a universidade e retornam para tentar contribuir com aqueles que pretendem ingressar no ensino superior. Compreendemos esse retorno como um "evento bifurcação", ou seja, "o que faz efeito", pois se trata de abordar essa experiência como um movimento de ida e volta que imprime novos significados a outros estudantes tornando-se um diferencial para o processo de transformação que antecede o acesso à universidade. Não se trata, portanto, de saber o que eles conhecem, mas como eles conheceram e tornaram quem são. **Palavras-chave:** identidade racial, experiências, acesso à universidade. **Resumen** Este artículo presenta cuatro maestros narrativas negras de Pre-universitario de ascendencia africana (PREAFRO) en Itabuna-Bahía, de 2005 a 2011, con el objetivo de tratar de comprender las experiencias de retorno de estos protagonistas de meter la escuela donde estudiaban para acceder a la universidad y volver a tratar de ayudar a aquellos que desean ingresar a la educación superior. Entendemos este retorno como un evento de "tenedor", es decir, "cuál es el efecto", como lo es para acercarse a esta experiencia como una forma de movimiento y una copia de la impresión de nuevos significados a otros estudiantes que hacen una diferencia en el proceso de transformación que precede al acceso a la universidad. No se trata, por lo tanto, para saber lo que saben, sino cómo se conocieron y se convierten en lo que

son. **Palabras clave:** identidad racial, las experiencias, el acceso a la universidad.

1. Narrando experiências “entre os seus e para si”

A partir de 2005, o Pré-universitário para afrodescendentes (PREAFRO) em Itabuna-Bahia uma iniciativa do Grupo Encantarte[1], se organiza em caráter voluntário, formato que permanece atualmente, para promover o acesso de estudantes negros a universidade. O corpo docente é formado por 24 professores voluntários, distribuídos em dois núcleos e parceiros do projeto, alguns desses são ex-estudantes desse cursinho que ingressaram na universidade e retornam como professores, ao mesmo tempo em que estudam nos cursos de graduação da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

O PREAFRO matrícula no início de cada ano 120 estudantes. Os interessados fazem a inscrição presencial, por meio do preenchimento de uma ficha-diagnóstico, onde são respondidas algumas questões. Baseados nessas informações disponibilizadas para esta pesquisa, traçamos um perfil desses estudantes, a saber: a maioria deles se autodeclararam negros[2], são mulheres, com renda familiar em torno de um salário mínimo[3] e que terminaram o ensino médio há mais de cinco anos, e a escolaridade da maioria dos pais se restringe ao ensino fundamental. Inclusive, uma característica comum entre eles é o fato de a maioria ser os primeiros de toda a sua geração familiar a tentar ingressar numa universidade.

Desse modo, assumimos a perspectiva de Larrosa (2011) para quem a experiência é também um movimento de ida e volta para tratar das narrativas sobre as experiências do retorno de ex-estudantes ao cursinho como professores, para contribuir com o acesso de outros. Compreendemos esse retorno como um “evento bifurcação”, ou seja, aquilo “que faz efeito” e também pode exercer um papel fundamental na orientação daqueles que pretendem ingressar no ensino superior, possibilitando mudanças nas suas trajetórias. Vislumbramos, em concordância com Passeggi (2010, p.17), “o aspecto potencialmente (de) formador do acontecimento em questão sobre o sujeito que o viveu ou o sofreu”, assim:

[...] Todo adulto, que foi um dia aluno, guarda consigo lembranças mais ou menos precisas de sua escolaridade [...] a passagem do tempo pode então brunir algumas dificuldades ou outras lembranças desagradáveis e embelezar certos momentos agradáveis. Assim, as boas e más lembranças participam da arquitetura da memória, ativando ou inibindo certas informações, quando o sujeito se encontra em uma situação que ele já experimentou na sua vida escolar.

Nesse sentido, propomos, a partir dessas narrativas, compreender essas experiências bifurcadas

que imprimem novos significados a outras trajetórias. Assumimos a perspectiva que na “construção das narrativas de experiências vividas, há um processo reflexivo entre o viver, contar, reviver e recontar de uma história de vida” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p.108). Assim, transformando os acontecimentos, as ações e as pessoas do vivido, em enredos e em personagens, ordenando os acontecimentos no tempo, tornando-se os próprios personagens de suas vidas e dando-lhes uma história (DELORY-MOMBERGER, 2001). **2. “Quantos além de mim? ” experiências de retorno ao PRAAFRO**

Apresentamos as narrativas divididas em três partes, e blocos com quatro excertos, sendo um de cada protagonista, por ordem alfabética e obedecendo a uma sequência: o gesto do retorno, que considero como “evento bifurcação”, porque eles retornam para o mesmo espaço onde estudavam, dessa vez, como professor voluntário; o evento das aulas e a experiência do acesso de outros estudantes. Desse modo, entendemos que a própria presença desses protagonistas já sinaliza como um encorajamento/fortalecimento para aqueles que buscam ingressar na universidade, a partir do PRAAFRO, como se parafrazeassem Eduardo Galeano (1994) e perguntassem: Para que serve esse retorno?

Serve para que vocês não deixem de caminhar.

Uma das coisas que mais me preocupava é o fato de ser exceção entre os moradores do local. Ter concluído o curso superior fazia de mim uma raridade no lugar e me fazia questionar: até quando serei exceção?

Quantos além de mim terão a oportunidade de acessar espaços como esse? Então, tinha necessidade de voltar, não era uma obrigação, mas sentia como compromisso comigo, com o PRAAFRO, com os estudantes, com a comunidade, eu precisava retornar. Foi como se eu tivesse devolvendo o que eu recebi daquela comunidade, as pessoas que estavam ali com o mesmo objetivo que tive antes, sabendo ser possível, eu estava entre os meus, meus vizinhos, são pessoas da minha comunidade. O PRAAFRO foi a minha primeira experiência, lá foi diferente, ser professora, retornar para o lugar de onde eu saí e que reconheço ter contribuído a ainda contribuir muito para a minha formação. Sei que dificilmente teria acessado a universidade, se não tivesse passado por lá e dificilmente teria tido contato comigo mesma nesse processo de autoafirmação (Adriana Silva, Entrevista Narrativa, 2013).

Não é nem um retorno, diria que eu tenho necessidade de permanecer trabalhando no PRAAFRO, como um dos idealizadores, como coordenador,

estudante, professor para tentar apontar outros caminhos, e tentar que eles enxerguem o que está além da universidade, além do seu aprendizado, e questionar: o que eles querem com isso?

Só um título para mostrar a todos que são pretos e que conseguiram?

Pra mim, não, eu tenho que mudar a mim, eu tenho que aproveitar essa minha mudança de pensamento e tentar mudar junto com os outros, isso já é o começo. Não tem coisa melhor do que chegar no Pré-universitário para Negros e Excluídos (PRUNE) e depois no PREAFRO e perceber que tem pessoas ali interessadas em estudar, em acessar outros espaços que não o tráfico de drogas, que não a violência, que não o que o sistema diz que a gente deve seguir (Egnaldo França, entrevista Narrativa, 2013).

Depois que eu comecei a estudar na UESC, quis voltar logo, justamente porque quero ajudar outras pessoas também a conseguir o mesmo que eu. Acho que a gente precisa ter essa consciência de retorno para o lugar de onde a gente saiu, é uma necessidade de ver as pessoas chegando onde a gente chegou ou até mais longe (Gilvan Nascimento, Entrevista Narrativa, 2013).

Mudei a forma de olhar o mundo, de perceber as coisas, acho que sintetiza a minha volta. Outra coisa que esse processo de movimentos negros de resistência ajuda é na nossa responsabilidade social também, não é porque tivemos acesso à universidade que permaneceremos somente dentro da universidade, sem nenhum retorno para a sociedade, sobretudo para o acesso de outros. Nesse caso, sentia a necessidade de retornar também para a minha origem para reconstruir uma nova história, uma nova forma de pensar e reconstruir o mundo e essa base esses movimentos sociais me deram. Nesse caso voltei para o PREAFRO, como professor voluntário, eu trabalho a disciplina Atualidades (Wilton Macedo, Entrevista Narrativa, 2013).

No conjunto do excerto dessas narrativas, aparece um termo comum a todas: "necessidade" de retornar para contribuir/colaborar/ajudar o acesso de outros estudantes que se encontram na mesma condição deles, por ocasião das tentativas de ingressar na universidade. Outra preocupação comum é com a recusa da ideia de permanecerem como exceção, que interpretamos como um dos motivos do retorno, porque não basta eles terem alcançado o objetivo, se faz necessário que outros também alcancem, ou: "quantos além de mim?"

"

Entendemos que essa inquietação com a raridade/exceção fornece pistas para o desejo do retorno, revelada a partir do momento que eles contornaram as estratégias do processo seletivo da UESC, e perceberam não se tratar mais de uma impossibilidade, mas de um evento possível que produziu/produz efeitos significativos na sua trajetória. Nesse sentido, o evento da experiência bifurcada torna-se um diferencial para o processo de transformação que antecede o acesso à universidade, pois considero a presença deles também “uma presença em si política” (FREIRE, 1987, p.36), indicando para aqueles que planejam estudar numa Instituição de Ensino Superior que eles vislumbram um acontecimento “inédito-viável”, assim pode abrir espaço para a persistência, um elemento revelador nesse processo. Mesmo porque, aqueles que retornam na condição de professor fizeram muitas tentativas de acesso, logo, essa presença não passa despercebida, eles passam a ser vistos como referenciais positivos, ou sujeito de opções e não de omissões, por isso deve revelar a sua capacidade de decidir, de fazer justiça, comparar, avaliar, optar, romper e seu testemunho tem que ser ético (IDEM).

O excerto da narrativa de Adriana revela outra dimensão do PREAFRO: ainda contribuir com a sua formação, já que foi a sua primeira experiência como professora. Apreendemos que ao retornar ao cursinho, ela está formando e sendo formada na sua prática docente num espaço onde ela se sente confortável, porque se encontra entre os seus próximos. Um lugar de onde ela saiu, mas do ponto de vista simbólico, porque continuou com um compromisso com ela mesma e com seus pares, por isso retornou.

Egnaldo na sua narrativa sintetiza que o seu retorno é mais uma permanência, porque ele sempre esteve presente no PREAFRO, como idealizador/coordenador/estudante e por último como professor. Assumimos a ideia de que essas diferentes identidades, por vezes, podem gerar tensões, pois a demanda de uma gera interferência na outra, nesse caso as ocupações com a coordenação podem interferir nas de estudantes, uma vez que ele sempre esteve de algum modo atuando no cursinho.

Lembramos que esse protagonista tentou 10 processos seletivos, até ser selecionado para o curso de História da UESC, indicando que muitas vezes deve ter havido contradição de interesses que podem ter resultado em conflitos entre uma e outra identidade, exigindo uma escolha. Sobre essa necessidade de assumir diferentes identidades, segundo Silva (2012, p.32), “podemos viver, em nossas vidas pessoais, tensões entre nossas diferentes identidades quando aquilo que é exigido por uma identidade interfere com as demandas da outra, e com frequência se contradizem”. Assim, nos diferentes contextos a identidade vai sendo negociada ou construída, por isso, o mais indicado seria dizer: “as suas identidades”.

Entendemos que a partir dessas identidades, ele percebe o cursinho como uma possibilidade de recusar continuar num lugar “destinado” aos negros; assim, tentar acessar outros espaços significa

ter a oportunidade de seguir na direção contrária. Assumo a ideia freiriana, na qual “desafiar os grupos populares para que percebam, em termos críticos, a violência e a profunda injustiça que caracterizam sua situação concreta. Mais ainda, que sua situação concreta não é destino certo ou algo que não pode ser mudado” (FREIRE, 1987, p.28). Portanto, seguir nessa direção não significa que essa recusa/negação daqueles inconformados que se mobilizam pode ser utilizada como argumento para que a população “espoliada e sofrida” se rebele, se mobilize, se defenda por conta própria para “mudar o mundo”.

Até porque táticas como a do PRAAFRO não têm essa pretensão e possuem limitações, como ausência de recursos financeiros, um dos principais entraves a ser enfrentados, sobretudo, como menciona Glória (2007), na hora da inscrição do exame vestibular, porque a maioria não tem condições financeiras para pagar a taxa de inscrição, que representa outro fator excludente do processo seletivo. Esse cursinho busca desde 2002, ainda na configuração do Pré-universitário para Negros e Excluídos (PRUNE), lutar contra os critérios da isenção dessa taxa, pois entre as exigências para obtê-la está que os alunos tenham tido média igual ou superior a sete durante todo o Ensino Médio, além de terem concluído no ano do vestibular ou no anterior. Exigência distante dos estudantes do PRAAFRO, uma vez que a maioria concluiu há mais de cinco anos e com média abaixo de sete, conforme a exigida para a aprovação nas escolas públicas. **3. Estudando as questões locais**

Sobre o evento das aulas, Adriana, Egnaldo, Gilvan e Wilton constroem suas narrativas e evocam os seus “modos de fazer” quando eles retornam como professores, mas na condição também de estudantes universitários, buscando contribuir para o acesso de outros estudantes.

Dava aula de História do Brasil, foi uma experiência maravilhosa, porque os conteúdos não são apenas os formais, a gente procura, sobretudo, as questões da presença da população negra para a história brasileira. Era **uma forma de testar “o meu fazer”** como professora de História, pude me perceber como uma professora. Será que domino as técnicas do ensino, será que sou?

Sim, sou, né?

Foi um teste para a minha formação. Retornar foi excelente, muito interessante, um compromisso com os estudantes, eles davam retorno. Sempre procurei fazer aulas diferentes, fugia daquela ideia da professora cheia de conhecimento adquirido na universidade, era na base do diálogo, pedia que eles escolhessem o tema de interesse, **partia sempre do que eles queriam estudar**, as discussões envolviam ainda os processos de resistência negra na História do Brasil, tentava um olhar novo, considerando também o nosso lugar de homens e mulheres negras e negros. Assim, fui

professora por dois anos (Adriana Silva, Entrevista Narrativa, 2013). (Grifos meus)

Trabalho com Estudos Afros, os temas são escolhidos **a partir das questões locais**, tratamos da violência, do meio ambiente, da escravidão no Sul da Bahia. Um ponto alto é uma visita que fazemos ao Engenho de Santana^[4], com o objetivo de repensar a história. A maioria dos estudantes não conhece a história dessa população escravizada, eles ficam surpresos, quando percebem que aqueles escravos sabiam ler e escreveram uma carta de reivindicações. Esse é só um exemplo de como a história foi distorcida ou contada de modo equivocado. O mais impressionante é eles se **autoafirmarem negros**, na medida em que as discussões avançam (Egnaldo França, Entrevista Narrativa, 2013) (Grifos meus).

Geralmente, a Matemática é tida como um bicho de sete cabeças; tento, algumas vezes com êxito, trazê-la para o cotidiano das pessoas, porque muitas vezes, elas pensam que matemática, é só equação de "x ao quadrado" e tal. Mostro que ela está na realidade das pessoas, **no dia a dia de cada um**, por exemplo, quem é pedreiro, demonstro que a forma como ele levanta uma parede, envolve matemática, para quem é cozinheira, mostrar que na cozinha a Matemática está presente e assim vai. Outro dia, mostrei para quem é músico ou toca violão como eu, que a matemática está na divisão de tempo de uma música, entre uma nota e outra, que existe uma divisão de tempo. Na cozinha existe uma divisão, você vai cortar um tomate, você vai cortar pelo menos em duas bandas, assim aproximo dos estudantes. Na verdade, me lembro muito do meu professor de Física que tive, no segundo ano de cursinho e faço diferente igual ele me ensinou (Gilvan Nascimento, Entrevista Narrativa, 2013). (Grifos meus).

Nunca gostei da aula formal, porque foi assim a minha vida escolar inteira. Então, quando voltei para o PREAFRO, fiz um acordo com os estudantes que a gente ia fazer um grupo de debates, eles aceitaram e foi excelente. Discutimos temas contemporâneos, **a partir das questões locais**, sem limitar apenas aos textos básicos. Utilizo filmes de curta duração, documentários, com o objetivo de preparar não só para o vestibular, mas pra ver o mundo com outra perspectiva. Trata-se de um processo de reconstrução constante dos conhecimentos específicos do vestibular, para eles compreenderem que a universidade é um espaço restrito, excludente, que não vai se adequar a eles, por isso sempre estarão na contramão da

universidade. Assim, os estudantes entendem que uma vez lá dentro, eles terão oportunidade de questionar isso (Wilton Macedo, entrevista Narrativa, 2013). (Grifos meus).

Identificamos, no conjunto desses excertos, um "modo de fazer" comum a todos: a escolha dos temas das aulas parte sempre das questões locais que mais interessam os estudantes. Leio essa concordância entre eles como uma recusa em continuar com as práticas da sua escolarização, que, naquela ocasião, já os inquietavam. Compreendemos que "fazer diferente" significa aqui, sobretudo, superá-las, estudando os assuntos a partir das demandas de homens e mulheres negras que encontram nas ações do PRAAFRO uma possibilidade de, por exemplo, utilizar os conhecimentos matemáticos, tanto para construir uma parede, cortar um tomate, como para acessar a universidade, sem que um exclua o outro.

Maravilhosa, interessante, dialogada são alguns dos termos utilizados por Adriana para se referir ao "evento" das aulas. Nesse excerto da sua narrativa, identifico dois momentos significativos: primeiro, para a sua própria formação, foi um período marcado por aprendizagens, superação, dúvidas, descobertas e certezas, ela foi tornando-se, na medida em que foi sendo professora. O excerto dessa narrativa nos permite dizer que ser professora significa também esse exercício formativo de duvidar feito por ela: "*será que sou?*"

". A resposta só poderia vir por meio do seu "fazer". Nesse sentido, para Souza (2011, p. 88), "tornar-se professor é um exercício, uma aprendizagem experiencial e formativa inscrita na visão positiva que os sujeitos têm sobre si, sobre suas memórias de escolarização e na superação e acolhimento dos modelos formativos que viveram nos seus percursos de escolarização".

O segundo momento significativo que identificamos foi o das discussões envolvendo os processos de resistência negra na História do Brasil, uma tentativa de mudar a percepção dos estudantes. Interpreto que essa proposta de Adriana, de incorporar esses conhecimentos que tratam dessa luta dos negros, contribui para superar os equívocos históricos, concernentes às diferenças e às desigualdades da/na sociedade brasileira. Nessa mesma direção, Gomes (2005) defende que se faz urgente que os conhecimentos produzidos pelos negros ao longo da luta pela superação do racismo, pelas mulheres no processo de luta pela igualdade de gênero, pela juventude na vivência da sua condição juvenil, entre outros, sejam incorporados. Tais conhecimentos tratam da produção histórica das diferenças e das desigualdades e tendem a superar tratos "escolares românticos sobre a diversidade". Para tanto, todos precisam passar por um processo de reeducação do olhar.

Podemos dizer que esse novo olhar dá abertura ao possível, leva a recusas, ao inconformismo, a outros "fazer", "pensares" e "sentires" fundamentais para a formação e a transformação, aquela dita por Larrosa (2011, p.10) que, entre outros, supõe "condição reflexiva, volta para dentro,

subjetiva, que me implica no que sou, que tem uma dimensão transformadora, que me faz outro do que sou. Por isso [...] eu já não sou o mesmo de antes, já não posso olhar-me impávido no espelho [...] porque algo tem lugar em mim”.

A narrativa de Wilton traz o diálogo com os estudantes como elemento principal, para o planejamento dos debates, que conta com vários recursos para ampliar as discussões, possibilitando um “processo de reconstrução constante dos conhecimentos”, que leva a compreender os mecanismos que ainda impedem e ou retardam o acesso desse grupo a muitos espaços considerados de prestígio social, inclusive das Instituições de Ensino Superior. Esse tipo de abordagem pode ser revelador no que se refere ao processo de fortalecimento da identidade do grupo, pois a compreensão da História do Negro a partir de outra perspectiva desvela as estratégias utilizadas para depreciá-la, resgatando também a autoestima do grupo. 4.

Inquietudes, resistências e outros “além de mim”

A dúvida expressada na pergunta “Quantos além de mim?

”, feita por Adriana começa a ser compreendida, a partir da experiência do retorno, que chamo aqui de “evento bifurcação” ou a ação que fez e “faz efeito” porque orienta/colabora/contribui e tornou possível o na ocasião inédito, para alguns estudantes, mas viável. Esses protagonistas fizeram a experiência de retornar, entendida aqui como deixar-se abordar por aquilo que lhe interpela. Assim, podem ser “transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo” (LARROSA, 2011, p.10) e expressam nos próximos excertos das narrativas, a alegria quando sabem que estudantes do PREAFRO foram convocados no processo seletivo da UESC. Afinal, “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1987, p.53). Compreendo que os excertos abaixo revelam esse sentido expressado por Freire:

E outra, não tem coisa melhor do que encontrar um aluno indo pra UESC, é indescritível encontrá-lo no ônibus e saber que você contribuiu, nem se trata dos conteúdos, mas do incentivo de dizer que é possível, “você consegue, vamos estudar, vamos marcar aulas nos finais de semana”. A universidade precisa saber que a gente está ali, as pessoas precisam se encher de si, tipo “eu sou fulano, moro no Fonseca, no Maria Pinheiro”, reconhecer-se entres os seus e para si (Adriana Silva, Entrevista Narrativa, 2013).

Eu sentia falta da negrada dentro da universidade, agora não, sempre encontro, pelos corredores da UESC, estudante com a camisa do PREAFRO e penso: ainda bem que é um trabalho voluntário, porque não tem dinheiro que possa pagar essa satisfação em saber que eu comecei tudo isso em

2001, como um sonho que parecia muito distante. E hoje eu já estou até perdendo as contas de quantas pessoas já passaram de lá até aqui. Sei que eles têm uma forma de interpretar a universidade, quando esse jovem passa no vestibular, lá dentro ele percebe que é diferente dos outros e está preparado para os enfrentamentos (Egnaldo França, entrevista narrativa, 2013).

Me alegro muito, que tem uma menina que foi minha aluna no PREAFRO que já terminou o mestrado em Biologia na UESC e está indo para o doutorado. Sou professor do PREAFRO, desde 2007, então tem muitos estudantes que já terminaram seus cursos, de vez em quando encontro com eles. É muita satisfação saber que eu e eles continuamos caminhando e bem (Gilvan Nascimento, Entrevista Narrativa, 2013).

A responsabilidade social não somente para poder voltar e trabalhar na comunidade, trabalhar no cursinho, mas também de ser referência. Então, quando a gente vê ou sabe que um estudante conseguiu ultrapassar a barreira do vestibular, é como se a gente soubesse que essas pessoas também têm uma visão a partir de você, de nós, e que tiveram a oportunidade de ver um mundo para além dessa dificuldade social. Porque não basta a gente ter tido acesso ao curso superior, mas a gente quer que outras pessoas também tenham (Wilton Macedo, Entrevista Narrativa, 2013).

Poderia sintetizar esse conjunto de excertos assim: "Se ontem se culpavam, agora se tornaram capazes de perceber que não era apenas responsabilidade sua se achar naquela condição. Mas, sobretudo, se tornavam capazes de perceber que a situação de favelado não é irrevogável" (FREIRE, 1987, p.30). Mas, acrescento que essas narrativas revelam experiências marcadas pela recusa em aceitar o "sempre foi assim" e, movidos pelo inconformismo, começaram a pensar em outros caminhos, não sem obstáculos, mas modificaram o aparente imodificável e assim "não tem coisa melhor do que encontrar um aluno indo pra UESC?"

É indescritível encontrá-lo no ônibus", ou "indo para o doutorado" e saber que "eu e eles continuamos caminhando e bem". Aliás, tem coisa melhor sim: "tiveram a oportunidade de ver um mundo para além dessa dificuldade social", por isso, "lá dentro ele percebe que é diferente dos outros e está preparado para os enfrentamentos", porque "a universidade precisa saber que a gente está ali, as pessoas precisam se encher de si, tipo: eu sou fulano, moro no Fonseca, no Maria Pinheiro e reconhecer-se entres os seus e para si".

Para Larrosa (2011, p.13), "sabemos muitas coisas, mas nós mesmos não mudamos com o que

sabemos. Essa seria uma relação com o conhecimento que não é experiência, posto que não resulta na formação ou na trans-formação do que somos”. Entendemos que esse fragmento sintetiza os efeitos que as ações do PREAFRO fazem nesses estudantes, evidenciado no conjunto desses excertos que falam da alegria da experiência de retornar e perceber as mudanças nas trajetórias dos estudantes, tornando-se um diferencial. Ao se preocupar e incorporar questões da ordem da subjetividade e relacioná-las com os textos, suscita-se questões voltadas para o pertencimento racial, construção de identidade negra, autoestima, significa também questionar quem eles podem ser ou colocar-se em questão naquilo que são. Essa é a transformação, pela qual esses protagonistas passaram; não se trata, portanto, de saber o que eles conhecem, mas como eles conheceram e se tornaram quem são. **5. Gestos de inconformismos**

Para compreender um pouco mais essas experiências narradas, mencionamos uma indagação dita por Adriana em sua narrativa e: “quantos além de mim?

” significa aqui uma síntese da preocupação desses estudantes do PREAFRO ao acessar a universidade. Trata-se de um gesto de inconformismo daqueles que acessam espaços considerados de “prestígio social” e se recusam a continuar no âmbito da exceção, porque seus pares ainda não são partes dessa conquista.

Dessa perspectiva, a experiência do retorno significa, sobretudo, recontar a história de outros estudantes de forma diferente, apesar do contexto desfavorável, que ainda mantém a universidade como um espaço para a minoria. Nesse sentido, organizar por conta própria ações voltadas para o acesso quer dizer intervir para provocar mudanças para um grupo que, na maioria das vezes, não teve oportunidades de conhecer possibilidades de formar e transformar. Não queremos dizer, que se trata de uma escolha fácil e comum a todos, até porque, do ponto de vista assumido neste texto, a experiência não é a mesma em todas as ocorrências, por isso irrepitível. Entretanto, não equivale a um acontecimento da ordem do impossível, do esmorecimento, mas da resistência, da abertura, da inquietude, de produzir as condições para tornar viável que esses estudantes ultrapassem as estratégias organizadas.

Portanto, não se trata apenas de abordar os conteúdos exigidos, até porque isso os estudantes do PREAFRO fizeram no processo de escolarização; afinal, na escola deveriam estudar principalmente tais conteúdos, para também instrumentalizá-los para os exames do vestibular. Trata-se de dimensões que se somam ou, associadas a essas leituras, deve haver subjetividade, refletividade, transformação e outra percepção de si.

[1] Grupo Encantarte, um movimento de resistência negra que idealizou e organizou o PREAFRO em Itabuna-Bahia.

[2] Utilizamos o termo, conforme o IBGE, englobando pretos e pardos, na categoria, negros.

[3] Valor atual do Salário Mínimo no Brasil: R\$ 724,00 a partir de 01.01.2014

[4] Distrito do município vizinho de Ilhéus conhecido pelos levantes de escravos ocorridos em fins do século XVIII (cf. SILVA; REIS, 1989)

Referências CERTEAU, Michel de, **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. CLANDININ, D. Jean; CONNELLYN, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU – Uberlândia: EDUFU, 2011. CRUZ, Ronaldo Lima. **Conflitos e Tensões: Análise do Pós-Abolição no Sul da Bahia, 1880-1910**. (Dissertação de Mestrado). UNESP. Franca São Paulo.2011. DELORY-MOMBERGER, C. Os desafios da pesquisa biográfica em educação. In: SOUZA, E. C. (org.). **Memória, (auto)biografia e diversidade: questões de método e trabalho docente**. Salvador: EDUFBA, 2001. FERREIRA, Ricardo F. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo, EDUC/ Rio de Janeiro, Pallas, 2000. FIAMENGUE, Elis C.; JOSE, D. Wagner; PEREIRA; ALMEIDA, Carlos. J. **A UESC em preto & branco: pesquisa de amostragem étnico-racial**. Brasília: MEC/SECAD, 2007. FREIRE Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. GALEANO Eduardo. **O Livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1994. GLÓRIA Priscila. S. da. Monografia (Graduação em História). **Encantarte: uma análise histórica (2000-2007)**. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2007. GOMES Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. In Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. JACOBO Julio W. **Mapa da Violência 2012: A Cor dos Homicídios no Brasil** / Julio Jacobo Waiselfisz Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPP/PR, 2012. LARROSA BONDÍA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011. MUNANGA Kabengele. **Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?** Revista da ABPN v. 4, n. 8 jul.–out. 2012. PASSEGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da. (Orgs). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, SCHWARTZ, Stuart B. **Escravos, Roceiros e Rebeldes**. Trad. Jussara Simões. Bauru (SP): Edusc, 2001. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward.12 ed.Petropolis, RJ:Vozes,2012. SOUSA SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós- modernidade**. 13 ed. São Paulo: Cortez. 2010. _____ . **Para uma pedagogia do conflito**. In: FREITAS, Ana. Lucia. S. **MORAES, Salete. C. Contra o desperdício da experiência: a pedagogia do conflito**

revisitada. Porto Alegre: Redes editora, 2009. SOUZA. Elizeu Clementino de. **Dossiê (auto) biografia e educação: pesquisa e práticas de formação** Educação em Revista | Belo Horizonte | v.27 | n.01 | p.327-332 | abr. 2011. SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. SOUZA. Marcelo. L. de. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2008.

[1] A pesquisa foi desenvolvida em curso de mestrado no período de 2012 – 2014 no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) –Bolsista Fapesb.Orientador: Prof. Dr Marco Antonio Leandro Barzano. .

* Maria Rita Santos - Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. GRAFHO – Curso: Educação e Contemporaneidade. Bolsista Capes. E-mail: mariaritinhasantos@hotmail.com

. Orientadora: Delcele Mascarenhas Queiroz. ** Michael Daian Pacheco Ramos – Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. GRAFHO– Curso: Educação e Contemporaneidade. E-mail: michaeluefs@yahoo.com .br

. Orientador: Elizeu Clementino de Souza. *** Rita de Cássia Magalhães de Oliveira – Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. GRAFHO – Curso: Educação e Contemporaneidade. E-mail: rcmagal@yahoo.com .br

. Orientador: Elizeu Clementino de Souza.

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 06/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: